



Educação Cristã

por Rev. Sherron George

página 3

Educación para la vida

por Rev. Edesio Sánchez

página 13

Año XXIII
Número 63
Mayo 2016

O R G A N O I N F O R M A T I V O

La Voz

ISSN 1667-4685

ALIANZA DE IGLESIAS PRESBITERIANAS Y REFORMADAS DE AMERICA LATINA

Educación con ternura

por Dra. Anna Grellert

página 26

Campamentos

por Tec. Verónica Bertozzi

página 35

CORREO URUGUAYO
FRANQUEO A PAGAR
CUENTA 60019/1



Presentación.

**E**

n la denominada “la gran comisión” Jesús resucitado envía a sus discípulos a hacer discípulos/as a todas las naciones. Esto incluye no sólo el bautismo sino también la instrucción (Mat 28:18-20). La educación y la formación cristiana es así parte inherente del ministerio de la iglesia, e imprescindible además para nuestra tradición protestante en general y reformada en particular.

La educación constituye de por sí un desafío enorme para nuestras iglesias y aún mayor cuando pensamos en nuestros niños y niñas. En este número de La Voz y gracias al compromiso solidario de quienes ofrecieron desinteresadamente sus dones y experiencia, queremos acompañarlas/os a pensar, sorprenderse y entusiasmarse con el ministerio de la educación en nuestras iglesias, obras de barrios, comunidades, etc.

Primero, tenemos un extenso y sólido texto de la La Rev. Dra. Sherron George, presentándonos una base bíblico-teológica de la misión educativa de la iglesia.

Dentro de esta inmensa tarea quisimos traer tres temáticas específicas, como lo es el compartir textos bíblicos con los/as más pequeños/as: el Rev. Dr. Edesio Sanchez, con una experiencia enorme en esta tarea, nos ayuda a pensar en las particularidades que implica compartir la Biblia con niños y niñas. La Dra. Anna Christine Grellert nos invita a la ternura entendiéndola en su más profunda significancia humana, social y política: la ternura como manifestación concreta, palpable del amor de Dios. La técnica Verónica Bertozzi recoge una larga experiencia en campamentos y cómo esta actividad nos permite desaprender prácticas que por cotidianas se han vuelto automáticas y asumidas acríticamente, al mismo tiempo que entrar en un tiempo fascinante de compartir y crecer en comunión.

Este número nos acompaña además con un póster de nuestra próxima asamblea de AIPRAL en su 60° aniversario. Sáquelo de la revista, póngalo en un lugar visible y reserve un tiempo para orar por esta actividad, por AIPRAL y por la familia reformada en América Latina y el Caribe.

Afectuosamente en Cristo.

Darío Barolin
Secretario Ejecutivo





Educação Cristã: Fundamentação Bíblico-Teológica, Pedagógica e Missiológica.



*por Rev. Dr. Sherron George
(D. Min. Columbia Theological
Seminary, Decatur, GA)
Igreja Presbiteriana (EUA)
Brasília, Brasil.*

Sabemos que o futuro da igreja e o futuro da América Latina dependem da qualidade da educação oferecida—é base de tudo. Vinte três anos atrás, enquanto ensinava no seminário da Igreja Presbiteriana em Campinas, foi publicado meu livro Igreja Ensinadora. Foi resultado de 20 anos trabalhando nas igrejas na área de Educação Cristã e dos diálogos e contribuições de meus alunos e alunas que faziam o mestrado em Educação Cristã. Dez

anos depois saiu a 2ª edição e em 2005 CLAI publicou La Iglesia que Educa. De lá para cá pesquisei e escrevi três livros em outra área da teologia prática- a missiologia. São: Participantes na Graça, Juntos é Melhor e Sonhando Juntos com Deus (Editora Sinodal). Afinal, as práticas essenciais da igreja são adoração, comunhão, educação e missão. Pela sua natureza a igreja é uma comunidade litúrgica, social, educacional e missional.

La versión del presente artículo traducida al español puede encontrarse en el sitio web: www.aipral.org

A igreja como comunidade educacional é um núcleo social, um instrumento de socialização e missão. Em 1 Pedro 2.9 temos uma descrição da igreja cristã: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” Podemos pertencer a diversas sociedades, mas a comunidade que deve ter o maior impacto sobre nós e nossos filhos é a igreja, em sintonia com a família.

O argentino Daniel Schipani apresenta a igreja no seu contexto sociocultural como o ponto de partida da educação cristã e o contexto onde o ensino se dá. Ele diz que o papel da igreja toda na educação é de promover apoio mútuo e um senso de auto-estima às pessoas, aceitar as diferenças pessoais (1 Co 12.14s; Rm 12.3s), permanecer aberta e em interação com o meio sociocultural, admitir a complexidade das situações humanas e permitir conflitos e suportar verdades incomodas (165s).

Minha ênfase é na integralidade e na contextualização da educação e da missão. Nessa visão holística procuro as pontes entre a educação e a missão. A Educação Cristã ensina a Bíblia e a fé cristã para preparar as pessoas para a totalidade da vida e da missão. Essa educação é individual e comunitária, dentro de uma tradição e ecumênica, formadora e missionária, contextual e planetária. Por isso, nos dá uma visão integral e integrada, um novo olhar sobre a vida, uma abertura para o futuro. Enfim, na Educação Cristã a igreja dá instrumentos e

fundamentos para navegar pelas dificuldades e desafios do mundo real.

Meu conceito abrangente da EC continua a mesma: é um processo deliberado e intencional pelo qual Cristo é formado nas pessoas, visando à transformação, formação e crescimento da pessoa toda e da Igreja toda em todo o tempo (14). Acrescentaria agora e a transformação da sociedade e do mundo pela ação missionária de Deus e Seu povo. A partir desse conceito, proponho a formação/edificação/educação integral:

- da pessoa toda e da (e pela) igreja toda – no contexto da comunidade de fé.
- no tempo todo – vivência da fé – ensino formal, não formal e informal.
- para a totalidade da vida: social, emocional, corporal, intelectual, espiritual.
- para o mundo todo: serviço, missão integral e bem-estar social.

O subtítulo do meu livro Igreja Ensinadora é significativo: “Fundamentos Bíblico-Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã”. Para mim a coisa prioritária na educação e também na missão é sua base ou arcabouço bíblico-teológico. Uma teologia bíblica libertadora anda junto com uma pedagogia conscientizadora e uma missão transformadora. Deus é amor. Deus é uma comunidade trinitária. A motivação do ministério educacional e missional é o Deus Trino. Jesus foi um missionário enviado pelo Pai e também um mestre sem igual. Ensina-se por que o Deus de amor nos ensina e nos leva a ensinar. Faz-se missão por que Deus é amor e quer restaurar seu mundo. Procuro fundamentar todo o processo de edificação na igreja e missão integral a partir de uma visão holística do plano restaurador de Deus apresentado na Bíblia.

Alicerces Bíblicos

No Antigo Testamento, em Deuteronômio 6, é registrado um discurso dirigido ao povo de Israel na véspera da entrada na terra de Canaã. O tema do discurso é: os Mandamentos de Deus que representam a resposta do povo ao amor de Deus. São basicamente dois mandamentos, o primeiro é amar a Deus (vv. 5,6). Depois uma segunda ordem é dirigida aos pais judeus acerca das palavras do Senhor: “Tu as inculcarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te” (Dt 6.7). Deus quer que o amemos e ensinemos aos nossos filhos e filhas, que transmitamos a fé às próximas gerações. Assim, terão consciência de suas responsabilidades e farão escolhas sábias na vida.

Lucas 2 retrata Jesus com doze anos no Templo em Jerusalém com seus pais. Ele ficou conversando com os líderes religiosos e se perdeu dos pais que ficaram com aquela aflição. Vimos nesse começo de Lucas a importância da educação na família e também no Templo. Certamente o pequeno Jesus ia à sinagoga em Nazaré e estudava as escrituras hebraicas. Seus pais cumpriram suas responsabilidades na formação integral do filho. Eles são um modelo que não devemos desprezar. Dentro do contexto do lar “crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens”, ou seja, da humanidade ou sociedade (Luc 2.52).

Na sua encarnação total como ser humano, Jesus teve um desenvolvimento integral, tanto na esfera biológica quanto na social. Cristo nasceu e viveu a experiência humana em todas as suas dimensões sem, todavia, haver pecado. Ele crescia intelectual, física, espiritual, emocional e socialmente. Foi


um crescimento integral e integrado. Sua humanidade dá um modelo e meta para nós: ser pessoas inteiras, completas, plenas em Cristo!

A filosofia grega atrapalhou o Cristianismo com o pensamento dualista que separou “corpo e alma”. Na mentalidade hebraica do Antigo Testamento nunca se fez isso. A Bíblia jamais faz essa distinção. Os primeiros capítulos do Gênesis mostram que o ser humano na sua totalidade foi criado à imagem de Deus para viver em comunhão com Deus, com a família, com a sociedade e com a criação. Depois em Gênesis 12 descobrimos que Deus vai fazer um povo com a missão de ser uma bênção—“em ti serão benditas todas as famílias da terra”.

Jesus resumiu a essência da vida humana e cristã assim: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12.30-31).

Cristo, que é a verdade, nos ensina a amar de uma maneira total, abrangente e integrada como pessoas integrais. Nossa adoração há de ser integral, com todo o nosso ser. Nossa comunhão dentro da igreja e nossa missão no mundo são resultados ou expressões de amor a Deus e às pessoas. Fomos criados para isso. Para amar. Para ser uma bênção. Para viver a vida plenamente.

A incumbência que Jesus deixou à igreja foi: “fazei discípulos..., batizando-os...; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19-20). Todos nós somos discípulos missionários/as que



constantemente estamos aprendendo. O batismo é o começo de tudo. Pelo batismo todos e todas que seguem e adoram a Cristo são discípulos e missionários em todos os lugares e durante a vida toda. Passamos a vida toda para entender a plenitude de nosso batismo e para viver as consequências dele. A educação cristã tem a tarefa de fazer de cada criança ou

adulto batizado discípulo e discípula madura que vão por sua vez fazer mais e mais discípulos. Como se faz isso? Vivendo, modelando e ensinando a prática de “todas as coisas” que Jesus ensinou. Temos que crescer em tudo. Jesus Cristo é o Senhor da totalidade da vida. Hoje ainda temos que obedecer às ordens de “ser

uma bênção”, “inculcar” a palavra aos filhos e filhas, “amar” e “fazer discípulos/as”.

Educação Cristã é uma jornada, um processo de crescimento mútuo e serviço mútuo que dura a vida toda. E isso ocorre dentro de uma comunidade local de fé que faz parte da igreja global que faz parte do Reino de Deus que é maior do que a Igreja.

Educação para o Reino de Deus

O horizonte da educação integral é transformação, é nada menos do que o Reino de Deus. A tese de Daniel Schipani, em *El Reino de Dios y El Ministerio Educativo de la Iglesia*, é que uma educação cristã “criadora e transformadora deve orientar-se segundo a imagem bíblica do Reino de Deus” (79). Nessa visão de Schipani, o Reino de Deus e as implicações deste Reino são abrangentes. O Reino é um “símbolo da ação libertadora e recriadora de Deus, sua vontade e promessa” (80) e também “a manifestação da soberania e do senhorio de Deus sobre todas as coisas” (81). Júlio Zabatiero afirma que “educar para o reino de Deus é educar para a submissão e o serviço ao Rei [...] Educar para o reino implica guiar pessoas para a santidade e a justiça, estimulando-as ao compromisso com a missão do reino no mundo—assim com fez Jesus” (12). O pressuposto de Danilo Streck é que “educação cristã é aquela prática educativa construída sobre uma visão de ser humano e de sociedade na relação explícita com a fé cristã, na

perspectiva do Reino de Deus” (14). É com essa perspectiva que fazemos nosso ministério educacional. Agimos, ensinamos, planejamos na família e na igreja local, mas sempre com a perspectiva do reino.

Nas parábolas registradas em Marcos 4 percebe-se que um símbolo e a finalidade da obra de Deus na história são o Reino de Deus. Jesus proclamou como ponto central de sua mensagem o Reino de Deus, Ele viveu a mensagem do Reino e desejou-o intensamente (Mc 1.15; Mt 26.29). Aos seus súditos/as que praticaram a compaixão nesse mundo cheio de sofrimentos e carências, no final dos tempos o Rei dirá: “Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo (Mt 25.34). Deus quis e prometeu um Reino na terra. Por isso, criou o mundo e os seres humanos. Deus está preparando, estabelecendo Seu Reino. Mandou Jesus para a “inauguração” e concretização. Em Jesus o Reino de Deus se fez presente. Mas não está completo. Criou a igreja para ser um parceiro no processo. A igreja é provisória, o Reino é eterno. Jesus,

respaldado nos profetas e nas promessas, visualizou o Reino de Deus como a finalidade última da criação, da história, da salvação e da Igreja. Ao fazer discípulos Jesus transferiu-lhes a visão, os valores e as responsabilidades do Reino.

Cristo nos chama pessoal e individualmente, mas nos chama para entrarmos no Reino de Deus e também para integrarmos numa comunidade de fé local e mundial. Thomas Groome afirma que nos tornamos cristãos juntos e juntas. O batismo nos integra em Cristo e em Seu corpo. Por isso, indivíduos precisam da comunidade de fé local para seu crescimento integral e a igreja toda também precisa crescer e amadurecer como um todo. Para a comunidade de fé local amadurecer, ela precisa inserir-se no seu contexto local e também participar e intercambiar no contexto maior, ou seja, nos presbitérios, sínodos, assembleias, concílios de igrejas. Além disso, para que a formação seja integral, é necessária que seja ecumênica e planetária. Leonardo Boff demonstra isso em seu livro *Civilização Planetária*, como faz Gottfried Brakemeier em *Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz*.

A edificação individual e comunitária equipa a igreja e o cristão para participar na missão de Deus no mundo e para ser instrumento. Bonhoeffer disse que a igreja é a única entidade que não existe para si mesma, mas para as outras pessoas fora dela, ou seja, para o mundo. A igreja existe para realizar a missão do reino. Educação cristã está sempre ao serviço e para o bem social da comunidade maior. Jesus muda pessoas, relações e realidades. A missão discipuladora de Jesus vai além da evangelização, pois prepara todos os membros da igreja para servirem, testemunharem e transformarem pessoas, sociedades e o mundo, ou seja, estabelecer a

presença do Reino. É um reino de paz, amor, justiça, santidade, dignidade, comunhão, parceria, cooperação, partilha.

São os sonhos de Deus e os planos de Deus para sua bela criação. Jesus veio para trazer a vida plena, a vitalidade, qualidade de vida, como disse em João 10.10: “vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. Entramos no Reino do Amado e assumimos as responsabilidades do Reino e suas implicações para o indivíduo, para a família e para a sociedade. Somos sinal do reino de Deus na construção da paz, do bem-estar, da justiça e da responsabilidade. Unidade na diversidade.

Edificação do Corpo para a Missão de Deus

No grandioso projeto redentor do Deus trino em Efésios, percebemos a ação divina “desvendando-nos o mistério da sua vontade [...] de fazer convergir em Cristo, na plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu com as da terra” (Ef. 1.9-10). Participamos com pé no chão latino americano do plano de Deus com uma perspectiva cósmica e integral, uma perspectiva do Reino. Sua ação abrange a pessoa toda e o universo todo em amor. Deus o Soberano Criador “pôs todas as coisas debaixo dos pés de Jesus Cristo nosso Senhor, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (1.22, 23). Cristo como cabeça tem um corpo na história, a igreja. O projeto missionário de Deus tem uma igreja. Deus está enchendo, completando, moldando cada pessoa, a

igreja, o reino, o universo. Nossa educação faz parte desse projeto.

A finalidade do ensino na igreja e dos dons espirituais é “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos/as para o desempenho do seu serviço/ministério (diakovia) para a edificação do corpo de Cristo” (Ef. 4.12, 13). Educamos para servirmos. Há um círculo: educação – missão – educação – missão que nos lembra do círculo reflexão – práxis – reflexão – práxis. A fé e a educação cristã estão sempre a serviço da missão de Deus no mundo, a serviço da ação missionária planetária. A fé comprometida é uma fé educadora, engajada, ativa, missional.

Em Efésios 4.15, 16 descobrimos quatro das principais características da educação cristã:

“Seguindo a verdade em amor.”

Há dois componentes no ensino: a verdade--o conteúdo, o racional, o objetivo--e o amor, ou seja, o afetivo, o relacional, o subjetivo. Não há verdadeiro ensino se falta um dos elementos. Verdade sem amor é ortodoxia sem caráter. Amor sem verdade é sentimentalismo sem balizas. Não é só um conhecimento cognitivo, é algo que vivemos em amor. Precisamos equilibrar discurso e prática. O amor sempre se abre, sai de si, transborda e abençoa. Carecemos hoje do ensinamento básico do evangelho — o amor e respeito a Deus e ao próximo. Não estamos completos, sem o outro diferente para amar, para respeitar e para cuidar.

“Cresçamos em tudo”.

É um crescimento integral, holístico e completo. É um processo contínuo de aprendizagem e descobertas com abertura para mudanças, surpresas e novidades. Como diz Danilo Streck: “crer significa aprender, uma vez que através da relação com Deus o [ser humano] questiona a sua situação no

mundo, pergunta pelo significado de sua vida, enfim, é desencadeado um processo de aprendizagem. Da mesma forma, na base da aprendizagem está a predisposição de se abrir ao novo, uma atitude de confiança, que é também o fundamento da fé” (13). É um crescimento que transforma e renova pessoas, escolas, famílias, a natureza e sociedades.

“Naquele que é a cabeça, Cristo”.

Aquele que cresceu em tudo nos dá um modelo, uma referência, uma direção, uma meta na jornada rumo à maturidade. Discípulas/os de Cristo crescem em todas as áreas da vida em união com seu Mestre, com o Senhor da Igreja e do universo. Crescemos em Cristo. Nossa meta é chegar “a medida da estatura da plenitude de Cristo”. Quando Jesus chama homens, mulheres, jovens e crianças para segui-Lo, para tornar-se suas discípulas/os, é um convite e uma responsabilidade que dura a vida toda. O batismo implica num crescimento integral, um desenvolvimento total, uma edificação contínua, uma missão abrangente.

“De quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento.”

Como cresce o corpo como um todo? Precisa do auxílio, da cooperação de cada membro na sua função. Precisa também do ajuste e sintonia ou do relacionamento e organização entre os membros. As juntas no corpo conectam os diversos membros. A igreja deve modelar o que Deus quer para a humanidade, ou seja, viver o Reino com harmonia. E tudo começa e termina em amor. Não há nada mais fundamental na fé cristã, na igreja, na educação, no reino, no mundo do que a autêntica prática do amor de Deus.

Educação para a Cidadania: Princípios, Valores e Virtudes Bíblicos

A gostino e Lutero ensinaram que somos simultaneamente cidadãos de dois mundos: do céu e da terra, do espiritual e do material, do reino de Deus e do mundo. É verdade.

Nosso dever é sermos bons e responsáveis cidadãos desta terra, contribuindo, testemunhando, fazendo missão, mudando sociedades e instituições. Não podemos nos isolar ou fugir dessas responsabilidades. Mas fazemos tudo isso como cidadãos do Reino de Deus. É nossa identidade, nosso diferencial. Estamos no mundo, mas não somos do mundo. Por isso, Karl Barth disse que devemos ter sempre a Bíblia numa mão e o jornal na outra. Juan Luis Segundo insiste numa interação dialética entre o texto bíblico e o contexto.

Hoje no Brasil e na América Latina vivemos uma crise ética, um vácuo de valores. Aí surge a pergunta: Qual é o conteúdo da Educação Cristã para formar cidadãos que vivem a fé com coerência nesses dois mundos? Proponho uma Catequese Bíblica Missional engajada a partir da realidade, da perspectiva e da hermenêutica latino-americana.

O objetivo do ensino cristão é formar cidadãos do Reino. A fonte primária de nossa fé é a Bíblia. Portanto, essa catequese dialógica que parte da Bíblia na exclusi o estudo da história da igreja, da natureza da igreja e seus ministérios e missão, da teologia

ou doutrina cristã, de todos os aspectos da teologia prática, das questões éticas e de todos os assuntos atuais da vida e sociedade para todas as faixas etárias de acordo com seu nível de desenvolvimento.

O que ensinamos da Bíblia? O cerne é a pessoa e a ação do Deus trino de amor na história humana. Na Bíblia conhecemos a Deus e a humanidade. Na Bíblia vislumbramos a intenção graciosa de Deus de dar a plenitude de vida para todas as criaturas e a criação. A Bíblia nos ensina os princípios, valores e virtudes que norteiam a vitalidade, a vivência e a unidade da fé comprometida e comunitária. Portanto, nosso desafio é discernir, escolher, aprender, proclamar, ensinar e praticar os valores do Reino de Deus.

No Primeiro Testamento Deus estabeleceu uma relação todo especial com Seu povo — uma aliança. Direitos e deveres. Promessas e compromissos. A aliança foi selada e resumida com os “dez mandamentos” (Êxodo 20.1-17). Parecem ser proibições, pois a maioria começa com a palavra “não”. Contudo, podem ser vistos com “valores para a vida plena em comunhão” ou “portas para a liberdade”. Por quê? Porque são valores que nos libertam do desrespeito, do egoísmo, do individualismo, da indiferença, da solidão, da destruição e da alienação para livremente respeitar e amar a Deus e as pessoas. A Lei de Deus é um dom oferecido como caminho para preservar os valores da vida plena em comunidade, a ética e a liberdade com responsabilidade. Aprendemos os preceitos bíblicos para vivermos com compaixão e justiça em comunhão com Deus, as pessoas e a criação.

No Sermão do Monte há uma descrição do Reino de Deus onde se pratica os valores de amor, paz e justiça, onde se vive a vida em

referência a Deus. Aprendemos, ensinamos, escolhemos e praticamos valores cristãos no lar, na igreja, na escola, no trabalho. A Igreja é a comunidade do Reino. Nesse mundo o Reino de Deus está escondido como uma semente na terra ou fermento no pão.

Na abertura desse sermão encontramos as “bem-aventuranças”. Cada “bem-aventurança” em Mt. 5.1-12 nos ensina algum valor do Reino em contraste com os valores do mundo. Veja alguns exemplos: humildade e simplicidade em oposição à arrogância, ostentação e materialismo; sensibilidade em oposição à frieza, indiferença, egoísmo e inveja; mansidão em oposição à agressividade, impaciência e agitação. E assim, vai... justiça, misericórdia, paz, santidade.

A partir disso, encontro um conteúdo para a Catequese Bíblica Missional nos livros de Leonardo Boff: Virtudes para um Outro Mundo Possível: Vol 1, 2, 3 (Vozes:2005, 2006). Boff apresenta um novo paradigma de civilização planetária baseada em interdependências e uma visão holística e cósmica (o que vejo em Efésios). Ele inicia seus estudos com a pergunta: “Que virtudes são minimamente necessárias

para garantir um rosto humano à globalização?” (2005:v 1, p 9). As virtudes abordadas devem se transformar em hábitos e em atmosfera cultural para que surja uma globalização salvadora (esse é o plano missionário de Deus).

A primeira virtude é a Hospitalidade: Direito & Dever de todos e todas. Num mundo de “ódios, tensões, amarguras e preconceitos acumulados durante séculos”, como nunca “faz-se urgente a hospitalidade, a mútua acolhida, a abertura generosa que supõem o despojamento dos conceitos e pre-conceitos” (v 1:19). Descartamos o paradigma do inimigo e do confronto e abraçamos o paradigma do hóspede, da parceria, das convergências, do mistério de Deus. Aprendemos a viver como “ser comunitário, ser de cooperação, ser de compaixão” (v 1:65). A hospitalidade “supõe reciprocidade” (v 1:110). Como fazer o resgate do outro/a diferente?

No segundo volume, Boff apresenta a virtude da Convivência que abrange as de Respeito e Tolerância. “A hospitalidade abre a porta e acolhe. A convivência permite sentar juntos, coexistir e intercambiar” (v 2, p 9). Ele rejeita modelos de

evangelização que representam o evangelho de poder e uma visão imperial da missão e emprega a Parábola do Bom Samaritano para mostrar como conviver com os diferentes mais diferentes, como ver o outro e a outra com a atitude de “com-paixão”. Afinal, somos responsáveis por fazer ou não do outro nosso próximo nesse mundo. Como convivemos com as diferenças na sociedade hoje?

Para conviver e cooperar no lar, na escola, na igreja, no emprego e na sociedade e para participar na missão de Deus, é imprescindível o “respeito diante de cada pessoa humana, de outros povos, de suas culturas, tradições e religiões e diante de cada ser” (v 2:47). Por isso, também há um capítulo em Participantes da Graça sobre o respeito mútuo de todos e todas como sujeitos criados à imagem de Deus apesar das diferenças ou discordâncias. Como falta o respeito pelas pessoas, pela vida e pela natureza em nossa sociedade hoje. Respeito é o reconhecimento do outro/a e de seu valor intrínseco.

Apesar de ter uma visão utópica (como a do Reino de Deus), Boff também reconhece a realidade. Por isso diz, “A convivência, o respeito e o pluralismo

inevitável do encontro das culturas no processo de globalização não abolem conflitos e tensões que ocorrem entre pessoas e grupos”. Como lidar com diferenças? “Hoje, se impõe, como nunca antes, o espírito de tolerância” (v 2:75). Ele usa a parábola do trigo e do joio em Mateus 13 para falar que nem tudo vale neste mundo, mas o bem e o mal, a ordem e a desordem estão misturadas dentro de cada pessoa e do mundo. Educamos para discernir, fazer distinções, tomar decisões coerentes.

Comer e Beber Juntos, a comensalidade, é a virtude apresentada no terceiro volume. É o sonho da mesa farta que Jesus descreve

onde todos e todas sentam e saciam uns aos outros como membros da família humana e não há mais fome.

Comendo e bebendo juntos e juntas celebramos a alegria de viver e conviver. Porém, vivemos num mundo onde os alimentos e as águas são negócio e a crise alimentar mundial agrava-se. Temos que assumir nossa responsabilidade de consumo solidário, cooperação, compaixão, justiça, de combater o consumismo desenfreado e o desperdício de comida e água. A celebração eucarística é uma experiência profunda do cerne da fé e uma oportunidade de partilha ao redor da mesa.

O fruto de ensinar e viver a hospitalidade, a convivência, o respeito, a tolerância e a comensalidade é a paz.

Viver a Cultura da Paz num mundo em conflito.

A cultura dominante hoje que é de poder e dominação multiplica conflitos e violência. Temos que aprender a administrar os conflitos e as tensões, usando meios não conflitivos, como o diálogo, escutando os argumentos dos outros e buscando convergências. Boff aplica cada virtude ao nível pessoal do indivíduo e

ao nível global e planetário. É a visão holística — eclesial e cósmica--de Efésios.

O que adianta conhecer toda a Bíblia e a teologia sem viver e praticar essas virtudes que Boff desenvolve de uma forma envolvente? É a educação cristã missional vivida.

Educação Participativa: Perguntas e Diálogo

Quando se fala de educação sempre se trata de conteúdos e de metodologias pedagógicas. Em Igreja Ensinadora sigo a linha libertadora de Paulo Freire. A pedagogia é o círculo da ação – reflexão crítica– ação. Não resolve estudar, ensinar, refletir e pregar a Bíblia, a teologia e a história da igreja sem incluir a prática.

A prática começa na sala de aula, no lar, no cotidiano, nas atividades e cultos da

comunidade de fé, ou seja, na vivência coerente da fé cristã. Por isso, com minhas atitudes e métodos dentro da sala de aula sempre procuro praticar as “verdades” ou conteúdos que estou ensinando. Para promover a convivência, gosto de arrumar o espaço físico em círculos, e procuro incluir a todos e todas com respeito. O ecumenismo e a tolerância começam na sala de aula. Procuro praticar e viver os textos que vou pregar e o que estou escrevendo na convivência no lar,



Educación para la vida.



*Por Rev. Dr. Edesio Sánchez
Dr. (PhD) Union Presbyterian Seminary
(Richmond, VA)
Lic. Seminario Bíblico Latinoamericano (CR)
Sociedades Bíblicas Unidas (emérito)
Buenos Aires, Argentina*

Desafíos, riquezas, oportunidades y dificultades en la enseñanza bíblica en la niñez

Nadie rechaza la idea de que los niños, desde su tierna edad, necesitan ser educados en la Palabra de Dios (2 Timoteo 3.15). Pero el problema radica en el **cómo** se hace. En un extremo, están quienes consideran al niño como un adulto chiquito, y la educación cristiana consiste en recetarle lo mismo que al adulto, pero en una dosis menor. En el otro extremo, están quienes piensan que el niño se conduce a partir de sus propios derechos, toma decisiones, más o menos

libres, y llegado el momento oportuno, decide qué camino seguir en cuanto a su fe y su conducta de vida. Me temo que esta propuesta de la posmodernidad es tan peligrosa como la anterior. Así que este es en realidad el primer desafío: ¿Cómo desarrollar un programa de educación cristiana—yo prefiero llamarlo, “educación para la vida”—que responda a los nuevos retos del mundo actual, pero que sea profundamente liberador, sin “tragarse” las propuestas del statu-quo?

Al asunto del "cómo", hay que agregar el del **quiénes**. ¿Quiénes son los primeros responsables de la educación en la fe de los niños? La pastoral que se desarrolla hoy, generalmente no toma en consideración a la comunidad familiar. Rara vez se involucra a los padres de manera concreta en la estrategia y programación de la educación cristiana. Pero no se puede ignorar que el templo y el domingo no han probado ser **ni el lugar ni el tiempo** para la educación en la fe cristiana. La educación cristiana clásica termina siendo lo que el pedagogo brasileño, Paulo Freire, llamó "educación bancaria". Seminarios e iglesias, maestros y pastores, han caído presos del sistema educativo de escuelas y universidades del mundo actual. La **información** es lo importante, no la **formación**. En la mayoría de las iglesias, el culto dominical principal está diseñado de tal manera que los niños no quepan en él. ¿Existe una actividad educativa significativa que involucre a la familia entera? Por lo general la respuesta es negativa. Ante tal estructuración no es difícil entender por qué los padres hallan tantos problemas para "transmitir" hacia el hogar la fe que aprenden en el templo. Hay que recobrar la visión bíblica: **el hogar es el**

punto de partida de la vida cristiana.

Cuando unimos educación cristiana y evangelización, el asunto se torna más problemático. Fue en el contexto de nuestro hogar —fuimos siete hermanos y hermanas— donde comprendimos el hecho de nuestra salvación en Cristo, y a la vez fuimos educados para la vida, reconociendo al Jesucristo como Señor y Salvador nuestro. Pero conozco muchos casos, en los que niños que formaban parte de hogares cristianos, nunca fueron evangelizados por sus padres, ni mucho menos educados para una vida de acuerdo con la fe cristiana. Los maestros pueden darles a los niños una lección sobre la salvación y la vida cristiana, pero no pueden acompañar a los niños en la mayor parte de sus experiencias de vida. Son los padres los que tienen el mayor acceso a la vida de los niños. Tristemente, muchos son los hijos de padres "cristianos" que terminan siendo evangelizados en el Colegio o la Universidad. La estructura eclesiástica actual y los modelos de misión y evangelización le han robado al hogar cristiano el privilegio de ser el centro desde el cual

sus miembros aprendan y vivan la fe cristiana.

El otro gran problema es la educación cristiana en buena parte de nuestras iglesias evangélicas, porque esa educación se programa y ofrece desde la perspectiva adulta, y desde la cosmovisión del adulto. Esa educación es, como se ha indicado, bancaria, doctrinaria y totalmente ajena a la realidad de los niños, para quien el juego es su espacio de vida. La mayoría de los programas educativos eclesiásticos no conocen el lado lúdico de la vida humana. La enseñanza de la fe y los juegos se mantienen divorciados. Pocas son las instancias en las que se juega aprendiendo y se aprende jugando.

¿Qué dice la Biblia?

Desde el principio, la Biblia enseña que el ser humano es creado a la imagen y semejanza de Dios (Génesis 1.26-28), y que los hijos son engendrados y nacen a la imagen de Dios porque son imagen y semejanza de sus padres (Génesis 5.3). La conducta, ideas y palabras de los padres ejercen profunda influencia sobre sus hijos.

La formación o deformación de los hijos tiene que ver, directa o indirectamente, con sus padres. La imagen de Dios en los hijos no proviene de otro ser más que de los padres.

Por ello, Deuteronomio 6.4-9 coloca el corazón de la fe bíblica en el seno del hogar. El hogar es el espacio que provee el lugar y el tiempo en el que los hijos deberán educarse en la fe. Cualquier otro lugar y tiempo son periféricos a la familia. Este pasaje presenta importantes principios para la elaboración teórica de una pastoral de la infancia. Veamos:

1. La enseñanza de la fidelidad y el amor al Señor **tiene su base y centro en el hogar.** A la vez, **toda discusión sobre la familia debe partir de su centro y principio: el Señor.** El principio fundamental de la fidelidad absoluta a YHVH, sirve de elemento gobernante para todo aspecto pedagógico: el cómo, el dónde, el cuándo, el quiénes.

2. En el aspecto pedagógico, el pasaje acentúa la transición de lo colectivo y general ("Israel") a lo individual y concreto ("tu mente", "tu hogar", "tus hijos") y de nuevo a lo general ("los portones de tus ciudades"). Esto señala que lo presentado aquí es un programa de vida que mantiene en buen balance a la comunidad y al individuo, teniendo al hogar como eje de ese balance.

3. En relación con lo anterior, encontramos en el pasaje un triple compromiso pedagógico: 1) hacia uno mismo ("las palabras que hoy te digo quedarán en tu memoria ... las atarás a tu muñeca como signo, serán en tu frente una señal"); 2) hacia los hijos ("... se las inculcarás a tus hijos"); 3) hacia la comunidad ("las escribirás ... en las entradas de tu ciudad"). Es obvio que el compromiso pedagógico se vuelca primordialmente al hogar. Los versículos 7 y

9 colocan al hogar como el ambiente donde "estas palabras" son objeto de enseñanza y práctica. Los versículos 20-25 hablan de esa interacción, narrando los actos portentosos del Señor en el pasado y de sus demandas actuales para el futuro.

4. Los dos siguientes párrafos destacan otros elementos pedagógicos del texto:

Los pasos de la dinámica pedagógica: a) **recepción de la enseñanza:** "Escucha ... las palabras" (v. 4); b) **puesta en práctica de la enseñanza:** "Amarás al Señor ..." (v. 5); c) **apropiación de la enseñanza:** "quedarán en tu memoria" (v. 6); d) **transmisión de la enseñanza:** "se las inculcarás a tus hijos" (v. 7); e) **repaso de la enseñanza:** "hablarás de ellas ... las atarás ... las escribirás" (vv. 7-9).

Los componentes de la dinámica pedagógica: 1) el **sujeto:** los padres; 2) el **receptor:** los hijos; 3) el **contenido:** "estas palabras"; 4) el **lugar:** el hogar; 5) el **tiempo:** toda la actividad humana habitual; 6) la **forma:** la comunicación oral, escrita y práctica.

De acuerdo a Efesios 6.1-4, el desarrollo del hijo hacia la madurez se da en la dinámica de la honra a los padres y la educación y disciplina *en el Señor.* En este punto, la enseñanza de este pasaje converge con lo que afirmábamos de Dt 6.4-9: **"toda discusión sobre la familia debe partir de su centro y principio: el Señor."** El principio fundamental de la fidelidad absoluta a YHVH, sirve de elemento gobernante para todo aspecto pedagógico: el cómo, el dónde, el cuándo, el quiénes. La educación y disciplina "en el Señor" impide que otras fuerzas y dinámicas ajenas se cuecen en la formación del niño. He allí el valor de poner en correcta perspectiva el tema de la fidelidad absoluta al

Señor. En la educación del niño, la única esfera de su formación es **El Señor**. La educación cristiana es, por definición propia, una fuerza iconoclasta, es decir, una fuerza destructora de ídolos.

Los pasajes anteriores consideran la pastoral de la infancia como una educación de padres a hijos. El movimiento es **hacia** los niños. Los padres deberán hacer todo lo posible por educar a sus pequeños para ser como Dios. Y eso no puede hacerse sin la mediación de los padres (Gn 5.3; Dt 6.7; Ef 6.4). Esos pasajes dan prioridad a una educación en la cual se da un perfecto balance entre la información y el ejemplo. El contenido de la enseñanza debe primero interiorizarse en los padres (Dt 6.6) antes de transmitírsela a los hijos. Los padres, así, se convierten en profetas para sus hijos; son los mediadores entre ellos y Dios.

En contexto del hogar y a través del juego, los niños son y deben ser sujetos de evangelización y educación. Por lo tanto, la pastoral de la infancia es bidireccional: es para los niños, pero también es **desde** los niños. De acuerdo con la enseñanza de Jesús, los niños tienen un patrimonio que los hace poseedores legítimos del Reino de Dios; y tienen un "conocimiento" que los coloca como modelo para los adultos (Marcos 10.15; Mateo 18.2-5; 21.15-16). En este punto, Mateo 6.25-34 es muy aleccionador. En ese pasaje, el versículo 33, que es el clímax de todo el capítulo¹ y que habla del Reino de Dios definido como justicia, se coloca en el contexto de una vida donde la búsqueda de satisfacer las necesidades de "comer, beber y vestir" no es lo prioritario. El pasaje se desarrolla en un ambiente lúdico, de juego. Jesús invita a su audiencia adulta a mirar, con ojos diferentes, lo que cada día ven, pero con ojos de adulto:

Miren a los pajaritos que vuelan por los aires. Ellos no siembran, ni cosechan, ni guardan semillas en graneros. Sin embargo, Dios el Padre que está en el cielo, les da todo lo que necesitan. ¿Acaso ustedes no son más importantes que ellos?

¿Creen ustedes que por andar preocupados podrían agregarle un día más a su vida? Aprendan de las flores que están en el campo. Ellas no trabajan para hacerse sus vestidos; sin embargo, yo les aseguro que ni el rey Salomón se vistió tan bien como ellas, a pesar de que tuvo muchas riquezas. Si Dios se preocupa por las flores, haciéndolas hermosas, aunque su vida dura tan poquito; ¿acaso no hará más por ustedes? ¡Veo que todavía ustedes no han aprendido a confiar en Dios!

Ya no vivan tan preocupados preguntando ¿Qué vamos a comer? o ¿Qué vamos a beber? o ¿Qué ropa nos vamos a poner? En eso se pasan pensando los que no han aprendido a conocer a Dios. Ustedes ya no se desesperen por esas cosas; su Padre que está en el cielo sabe que las necesitan.

(Mateo 6:26-32)

Este sistema de valores que Jesús enseña, nos arranca del mundo "serio y estructurado" de los adultos y nos coloca en el territorio de los niños. En este mismo contexto, la invitación de la búsqueda del Reino y de su justicia no puede sacarnos de

ese territorio. El Reino que es de los niños, y la justicia de Dios que ellos entienden más que el adulto, exigen que, en esta dimensión de la educación cristiana, sean los niños el sujeto primordial y los adultos los receptores.

Teología desde y para los niños

En la evangelización y en la enseñanza, los niños deben ser a la vez sujetos y objetos del quehacer teológico. En la dinámica de la pastoral no debe darse el divorcio entre ambos. La dinámica pedagógica mantendrá en tensión balanceada el hecho de que tanto adultos como niños son sujeto y objeto de la educación. Jean Piaget nos recuerda que las preguntas de los niños son más funcionales que teóricas. Las respuestas que ellos esperan son las que tienen sentido para sus propias vidas. Es decir, las que se definen desde ellos como niños, y no desde una concepción que los considera "adultos chiquitos" o personas con capacidad de decidir aspectos de la vida frente a las cuales no tienen el criterio y preparación necesaria.

Una vez más, es necesario recordar que el

espacio natural donde los niños pueden definirse como tal es el hogar. Ese es el mundo donde a los niños se les permite, con más facilidad, ser a la vez formales e informales. El hogar es, y debe ser, el centro desde donde el niño se entrena en todas las áreas de la vida, especialmente el aspecto lúdico; ¡el mundo del juego!

Y es en el área del juego donde los niños tienen más material para enseñar a los adultos que viceversa. Los niños poseen ese reino y son dueños de su estructuración. Un reino, como dice Jean Duvignaud, donde el campo de experiencia esté "desligado de toda función o finalidad en el sistema social (...) Un campo en que la gratitud, el azar y el juego no se confundan con las reglas que definen una cultura establecida y reproducida regularmente".² Si el hombre adulto de hoy quiere rescatar la dimensión perdida de

homo ludens ("el ser humano que realiza su ser jugando") necesita volver la mirada hacia los niños y dejarse formar desde y por ellos. Conozco un caso en el que un niño de nueve años que, por insistir en mantener unidos los principios de fe enseñados en la casa y la iglesia junto con una práctica comprometida de esos principios, fue llevado al psiquiatra porque no era "normal". Terminó evangelizando al psiquiatra, un maestro de Harvard. No olvidemos que, en la Biblia, el movimiento de educación para la vida en el Reino es de abajo hacia arriba. Debió de haber sido aleccionador y humillante a la vez, que Jesús dijera a sus discípulos:

Dejad a los niños venir a mí, y no se lo impidáis; porque de los tales es el reino de Dios. De cierto os digo, que el que no reciba el reino de Dios como un niño, no entrará en él.

(Mc 10:14-15)

La Biblia para los niños: Traducción y exégesis

Si los niños son emisores y a la vez receptores de educación y evangelización, es urgente que tengan acceso a la Palabra de Dios en un idioma y lenguaje que puedan leer y entender.

La pedagogía y lingüística contemporáneas han dado espacio para la producción de verdaderas obras literarias para niños. La experiencia ha confirmado, además, que toda buena literatura para niños es a la vez buena para adultos. Pero, no toda literatura para adultos es buena para niños. Este axioma muestra, una vez más, que hasta indirectamente los niños son medio de acceso para que los adultos se eduquen. La experiencia de la traducción de la Biblia para niños, en castellano (*La traducción en Lenguaje Actual* de las Sociedades Bíblicas Unidas) ha demostrado que los adultos pronto piden una Biblia así para ellos.

Con la traducción de la Biblia para niños, se ha intentado crear la posibilidad de que el niño pueda acercarse al texto bíblico y entenderlo con la profundidad que un adulto pueda lograr a través de un estudio exegético del texto bíblico. Nuestra intención es ofrecer herramientas al niño, para que desde su nivel de comprensión pueda hacer su propia exégesis. Por ello, en las traducciones, el texto va acompañado de ilustraciones y de ayudas pedagógicas. En la serie, *Crece y aprende*, que preparamos en la década de los 90's para uso en la educación cristiana, se ofrecen ejemplos, para diferentes edades, de cómo realizar esa tarea pensando en niños y jovencitos. Tanto en la traducción bíblica como en los cuadernos de estudio se aplican principios que responden a las necesidades cognoscitivas de los niños. Algunos elementos que se toman en consideración, son los siguientes:

Una literatura que sea buena para niños debe tener *trama y personajes*; es decir, es concreta, colorida, rítmica y bella. Lo ñoño, lo pueril, no pertenece a la literatura infantil. No deberá creerse que los niños, por ser niños, se contentan con escritos de calidad inferior. El niño pronto aprende a rechazar lo mediocre y tosco.

La literatura para niños no debe ser moralista, ni moralizante. La intención no es remachar con palabras, con una cantinela o con una moraleja. Un buen pasaje para niños no es el que le dice "esto debes y esto no debes hacer". Es en la presentación de la trama de un relato, en el encuentro directo con los personajes y las vivencias concretas, en el que el niño, por su propia cuenta, descubre los valores y los anti-valores.³

He aquí algunos principios generales que se toman en consideración para la traducción de la Biblia:

1. Hay que considerar, en primer lugar, que la audiencia que se tiene en mente es especialmente niños de 5 a 12 años. Se considera también que padres y maestros, en muchos casos, leerán este material a los niños; por ello, la traducción deberá ser atractiva también para los adultos.
2. En la traducción de las Escrituras para niños, el párrafo lleva precedencia a otras unidades menores. Es el párrafo completo el que da el significado que se va a verter del idioma fuente al idioma receptor.
3. Al traducir para niños hay que tomar en consideración la diferencia entre lenguaje pasivo y lenguaje activo. El *lenguaje activo* es el que el niño utiliza al hablar o escribir. El *lenguaje pasivo* es el que el niño no usa normalmente pero sí lo entiende. En la traducción interesa más el lenguaje pasivo que el activo.
4. En la traducción para niños no nos preocupamos por la cantidad de palabras, como si se necesitase abultar el texto para que se entienda mejor; interesa más la comunicación relevante. Como regla general, las oraciones no deben de tener más de dos cláusulas.

CONVOCATORIA XII ASAMBLEA GENERAL

A las iglesias miembro de AIPRAL.

Mayo de 2016

Estimados hermanos y estimadas hermanas:

Por medio de la presente convocamos a la **XII Asamblea General** de la Alianza de Iglesias Presbiterianas y Reformadas de América Latina (AIPRAL), a realizarse en Hotel Dan Inn Planalto, São Paulo, del viernes 12 al domingo 14 de agosto de 2016.

Como en asambleas anteriores, la asamblea estará precedida por tres eventos continentales. Del 8 al 9 se realizarán los Foros (pre-asambleas) de jóvenes y mujeres. El mismo 9 a la noche y hasta la mañana del viernes 12, comenzará la consulta sobre Justicia Climática y Agua bajo el título de **"Ayúdanos a sostener la armonía de tu creación"**. Este lema se elaboró teniendo como base la promesa de Dios a Noé de Génesis 8:22 y que tan bien ilustra la necesaria armonía de la creación divina para sostener la vida en el planeta.

Un dato particular de esta asamblea es que también estaremos celebrando los 60 años de AIPRAL por lo que el día 14, además de la instalación del nuevo comité ejecutivo, estaremos teniendo un tiempo de celebración y gratitud a Dios por nuestra querida organización continental.

En cuanto a las delegaciones de cada iglesia miembro. Según el artículo XI de los Estatutos: *"Cada iglesia miembro tiene derecho a estar representada ante la Asamblea General de AIPRAL por dos y hasta cuatro delegados oficiales, con derecho a voz y voto."*

El número de delegados y delegadas es de acuerdo al siguiente criterio establecido en el artículo 1 del Reglamento:

"1. De los Delegados a la Asamblea: El número de delegados a la Asamblea General, se determinará por la siguiente tabla:

1.1 Miembros que tengan hasta cien iglesias locales: Dos delegados.

1.2 Miembros que tengan hasta doscientas iglesias locales: Tres delegados, de los cuales uno será ministro/a, otro laico/a y el tercero/a de preferencia menor de 30 años.

1.3 Miembros con más de doscientas iglesias locales: Cuatro delegados, que en lo posible sean ministros y laicos, dentro de los cuales haya mujeres y personas menores de 30 años."

En cuanto a las subvenciones, AIPRAL se hará cargo del alojamiento y alimentación de todos/as los árticipantes de las actividades convocadas. En cuanto a los pasajes aéreos, AIPRAL subvencionará a cada iglesia un/a delegado/a a la pre-asamblea de jóvenes; una delegada a la pre-asamblea de mujeres. Se espera que uno/a o ambos sean delegados oficiales de su iglesia en la asamblea. Además se subvencionará uno/a delegado/a oficial para la asamblea.

En todo caso es **imprescindible** que la iglesia esté al día con su cuota de membresía a AIPRAL. En caso contrario no se podrá acceder a estas subvenciones sino hay una puesta al día con la cuota de membresía.

Cada uno/a de los/as participantes y sin excepción deberán abonar U\$S 100 (cien dólares americanos) en calidad de suscripción. Esta suscripción más el generoso apoyo de varias organizaciones internacionales y de nuestras iglesias miembros posibilitan la realización de este gran evento continental de la familia reformada de América Latina.

Esperando encontrarnos a la brevedad con uds. para fortalecer mutuamente en la fe a la que el Señor nos ha llamado. Nos despedimos con profunda gratitud a Dios.



Gabriela Mulder
Presidente



Rev. Darío Barolin
Secretario Ejecutivo

Ajuda-nos a sustentar a harmonia da tua criação



XII Assembleia Geral da

São Paulo, Brasil 8 - 14 de Agosto de 2016



Redenção
Redención



Ressurreição / vida
Resurrección / vida



Manter a Vida
Mantener la vida



A-Ω / Equilíbrio
A-Ω / Equilibrio



Presença e Testemunho
Presencia y Testimonio





Ayúdanos a sostener la armonía de tu creación
Ajuda-nos a sustentar a harmonia da tua criação

São Paulo, Brasil . 8-14 agosto 2016

ALIANZA DE IGLESIAS PRESBITERIANAS Y REFORMADAS DE AMÉRICA LATINA

Iglesia Evangélica del Río de la Plata

Iglesia Presbiteriana San Andrés

Iglesia Evangélica Congregacional de Argentina

Iglesias Reformadas en Argentina

Iglesia Presbiteriana Argentina

Iglesia Presbiteriana Independiente de Bolivia

Iglesia Evangélica Presbiteriana de Bolivia

Iglesia Evangélica Árabe de São Paulo

Iglesia Presbiteriana Independiente de Brasil

Iglesia Evangélica Congregacional de Brasil

Iglesia Presbiteriana Unida de Brasil

Iglesia Presbiteriana de Brasil

Iglesia Evangélica Presbiteriana en Chile

Iglesia Presbiteriana de Chile

Iglesia Presbiteriana de Colombia

Iglesia Evangélica Presbiteriana Costarricense

Iglesia Presbiteriana Reformada en Cuba

Caucus Nacional Presbiteriano Hispano-Latino

Iglesia Reformada Calvinista de El Salvador

*Iglesia Evangélica Nacional Presbiteriana de
Guatemala*

Iglesia Cristiana Reformada de Honduras

Iglesia Nacional Presbiteriana de México

Iglesia Presbiteriana Reformada de México

Iglesia Presbiteriana Asociada-Reformada de México

Iglesia Morava en Nicaragua

Iglesia Evangélica Congregacional del Paraguay

Sínodo Presbiteriano Boriquén en Puerto Rico

Iglesia Evangélica Dominicana

Iglesia Evangélica Valdense del Río de la Plata

Iglesia Presbiteriana de Venezuela

COMITE EJECUTIVO

Gabriela Mulder
Presidente

Gustavo Quintero
Departamento de
Jóvenes

**Aginaldo Pereira
Gomes**
Vicepresidente

Carlos Tamez
Justicia y Comunión

Santos Espinoza
Tesorero

**Myror Jenner
Miranda Calderón**
Teología y Misión

María Jiménez
Departamento de
Mujeres

Darío Barolin
Secretario Ejecutivo

5. En la traducción para niños es más importante el estilo y la sintaxis que el vocabulario. Interesa traducir en la estructura más sencilla y transparente que permite el lenguaje y el estilo literario de la pieza que se traduce. Sin embargo, al escoger las palabras se deben poner aquellas cuyo primer significado es el que comunique el sentido del texto. Por ello, se evitarán las generalizaciones y se usarán conceptos más concretos.

Los estudios de pedagogos y psicólogos, especialmente el del psiquiatra Robert Coles,⁴ muestran que los niños desarrollan sus conceptos teológicos de acuerdo con su experiencia religiosa, acorde con su edad. Su edad no es ni debe ser impedimento para que

los niños se introduzcan en la profundidad del mensaje bíblico. El asunto no es la incapacidad de profundizar en el conocimiento de la Palabra, sino la falta de métodos adecuados para ayudar al niño a entender a cabalidad el mensaje de la Escritura. Por ello, en nuestra tarea de traducción de la Biblia y preparación de materiales didácticos, el trabajo se realiza en constante diálogo con los niños. El diálogo no sólo gira en torno a la comprensión de la traducción y de los ejercicios. Debe darse sobre todo como diálogo teológico. ¿Qué imagen tienen los niños de Dios, de Jesucristo? ¿Cómo definen la oración? Porque es desde allí que se debe partir para la elección de pasajes bíblicos para niños y de los ejercicios exegéticos que los acompañarán.

Hacia una pastoral de la infancia

En un espacio apretado, pero elocuente, el evangelista Lucas nos da un retrato de Jesús como niño (Lucas 2.52): crecía en estatura (lo físico); crecía en el conocimiento (el intelecto); crecía en su relación con Dios (lo espiritual); y crecía en su relación con las personas (lo social y comunitario).

Si tomamos a Jesús como modelo de ser humano, será necesario concluir que la evangelización bíblica y verdadera es la que desafía a todo hombre y mujer a una

vida plena en el Señor que sólo puede ser resultado de una educación de y para la vida. Se evangeliza a todo el ser humano; no sólo a su "alma" o entidad espiritual. Jesús sanó enfermedades que distorsionaban el físico, el intelecto, el aspecto religioso y lo social. Jesús sanó a cojos, ciegos y sordos. También sanó a gente con problemas mentales. Sanó a leprosos, dándoles acceso a formar parte de la sociedad normal. Perdonó el pecado de publicanos y prostitutas y les abrió el camino para vivir como hijos e hijas de Dios. Una educación integral e integradora, se propondrá no

tan solo en formar al niño en la piedad y devoción, sino también en el logro de un cuerpo sano, una mente educada y relaciones humanas saludables.

Toda la pastoral de la infancia (evangelización, educación, liturgia, etc.) necesita tomar en consideración también el elemento lúdico de la vida. Tan pronto pasemos al contexto del juego, los adultos tenemos que ceder el liderazgo a los niños y dejarnos enseñar por ellos. En la vida de la iglesia el espacio para el juego, para lo lúdico, no sólo debe ubicarse en el momento "social", sino que debe encontrar amplia cabida en la liturgia, en la teología y la educación.

La pastoral integral busca también la formación de los niños en la **no-violencia**. En un mundo violento, la iglesia necesita ejercer una pastoral que contrarreste la fuerza destructiva de la sociedad en que vivimos. El niño educado en esta perspectiva deberá crecer en un ambiente donde no sea ni sujeto ni objeto de violencia. Los juegos y juguetes, la educación y profesión, las opciones éticas y políticas, todas deben darse en el espíritu de las bienaventuranzas: "Felices los que crean la paz..." En todo ello, los padres deben dar directrices, pero no imponer modelos de conducta y de vida. Respecto a esto, es aleccionadora la definición que ofrece Saint-Exupéry, el autor de *El principito*: **Quizá el amor sea el proceso de dirigir al otro gentilmente hacia él mismo.**⁵

¡Cuánto cuesta lograr esto! El verdadero encuentro con Dios no se puede dar sin el encuentro con uno mismo. Para poder seguir a Jesús y cargar la cruz es necesario que el discípulo se niegue a sí mismo. Y esto no puede suceder si el discípulo no se ha encontrado primero a sí mismo. Jesús no permitió que el diablo, ni Pedro, definieran de acuerdo a ellos qué era lo correcto para él. Fue Jesús, en la intimidad con el Padre y en el encuentra con su propia vocación, quien caminó por sí mismo la senda de la cruz y logró la salvación de los demás. El camino a la cruz fue el grito de libertad de Jesús frente a todos los demás. Nadie, ni siquiera sus padres pudieron detenerlo.

Nuestro ministerio paternal y nuestra pastoral familiar deberán prepararnos para formar hijos que de cara a Dios y frente a sí mismos puedan decidir su camino de servicio. Nuestra mayor satisfacción será escuchar en los labios de ellos: "Mis padres me condujeron a encontrarme a mí mismo y me abrieron así el camino hacia Dios."

En este contexto, me parecen muy

instructivas las tres parábolas que aparecen citadas en el libro *Seven Things Children Need*:⁶


* * *

Tomé la mano de un pequeño entre la mía. Él y yo íbamos a caminar juntos por un buen tiempo. Yo debía conducirlo hasta el Padre. Sentí que la tarea me abrumaba; la responsabilidad era tremenda. Por ello me preocupé de hablarle al niño sólo acerca del Padre. Le describí el rostro severo del Padre, para infundirle respeto. Caminamos bajo los grandes árboles. Y dije: "el Padre tiene poder para arrojar sobre ellos relámpagos y destrozarnos de un solo golpe." Caminamos bajo los rayos del sol. Y le dije: "el Padre es tan grande e inmenso que fue capaz de hacer al sol que todo lo quema y consume."

Un día, al caer la noche, llegamos a donde estaba el Padre. El pequeño se escondió detrás de mí; estaba aterrorizado. No quería mirar a ese rostro tan amable. El pequeño recordaba la descripción que le hice. No se atrevía a colocar su pequeña mano en la del Padre. Yo permanecí entre el pequeño y el Padre. Empecé a reflexionar: "fui tan serio; tan concienzudo."

* * *

Tomé la mano de un pequeño entre la mía. Yo debía conducirlo hasta el Padre. Me sentí abrumado por la multitud de cosas que necesitaba enseñarle. Nunca vagamos sin rumbo por el camino. Nos dirigimos a prisa de un lugar a otro. Un momento comparamos las hojas de diferentes árboles; en otro, examinamos el nido de un pájaro. Mientras que el pequeño me hacía preguntas sobre el nido, yo lo jalaba para alcanzar una mariposa. Cuando empezaba a cabecear, yo lo despertaba; no quería que el pequeño se



Educación con Ternura: un camino para la equidad económica en América Latina.



*por Dra. Anna Christine Grellert
(Pediatra, Asesora regional para desarrollo en la niñez).
World Vision América Latina y El Caribe.
Quito, Ecuador.*

América Latina y el Caribe representan la segunda región más desigual del planeta, con un Coeficiente de Gini de 0,529, sólo por debajo de la región de África Subsahariana, que presenta un Coeficiente de Gini de 0,565 (Caetano & Armas, 2015). Sin embargo, entre 2002 y 2013, las desigualdades a nivel regional han presentado una tendencia decreciente, principalmente a partir del 2008, excepto en Costa Rica y República Dominicana, donde ésta ha ascendido (CEPAL, 2015). La tendencia de decrecimiento de las desigualdades de ingreso a nivel regional, se dio en contexto de crecimiento económico y reducción de la pobreza (CEPAL, 2015). Sin embargo, cuando se mide la desigualdad, con el Coeficiente de Gini corregido, o sea incorporando los datos del 1% más rico, colectados desde información tributaria, las desigualdades alcanzan niveles muy superiores a los actualmente reportados, y similares a la desigualdad experimentada por Estados Unidos de Norte América (CEPAL, 2015). En este contexto de inequidad de ingreso, la Educación con Ternura procura ser un camino que contribuye a la justicia económica de América Latina.

Las políticas públicas representan una oportunidad para promover una distribución más equitativa de los ingresos. El reciente informe de la CEPAL, *“Desigualdad, concentración de ingreso y tributación sobre las altas rentas en América Latina”*, propone tres caminos para que la política pública fortalezca la equidad de ingresos en la región Latinoamericana y Caribeña:

1. *“Establecimiento de mínimos salariales, la negociación entre trabajadores y empresas, y la regulación de los grados de concentración de los mercados de bienes y servicios, entre otras medidas tiene consecuencias directas sobre la desigualdad del ingreso primario (...)”*

2. (...) *Intervenciones Públicas redefinen la distribución generada por el mercado por medio de instrumentos como los impuestos y transferencias, mecanismos que tienen incidencia directa en la distribución del ingreso disponible de los hogares.*

3. (...) *Acción redistributiva del Estado a través de mecanismos que pueden considerarse indirectos, como el gasto público en educación y*

salud, que no afectan directamente el ingreso disponible actual de los hogares, pero tienen un impacto muy relevante, diferido en el tiempo, en la medida que promueven capacidades humanas y facilitan la inserción futura en el mercado de trabajo. (CEPAL, 2015)

Sólo cuando el sistema educativo garantiza oportunidades equitativas para la formación de la niñez y juventud latinoamericana, generando sujetos competentes, que luego se desempeñen exitosamente en el mercado laboral, es que éste aporta a la reducción de las desigualdades de ingreso. Sin embargo, surge la pregunta: ¿Qué tipo de educación promueve la justicia? Proponemos que la Educación con Ternura es un camino para la equidad de ingreso en América Latina, pues no solamente genera mejores desempeños académicos, sino que además protege el potencial humano dado por Dios. A continuación, se describen dos características fundamentales de la Educación con Ternura:

1. La Educación con Ternura es libre de todo tipo de violencia.

El Dios creador aborrece a la violencia: *“Jehová prueba al justo; pero al malo, y al que ama la violencia, su alma los aborrece”* (Salmos 11:5). La violencia desvirtúa la identidad amorosa de la creación, pues la aleja de la imagen y semejanza del Dios de amor que la concibió (I Juan 4:8). En el Sermón del Monte, Jesucristo afirma como bienaventuradas las conductas que se oponen a la violencia, como las misericordiosas, pacíficas y mansas (Mateo 5:3-12). Jesús deslegitima el uso de la violencia inclusive contra el enemigo, invitándonos a amar, bendecir y orar por los que nos persiguen (5:44-45). Cuando habitados por el Espíritu Santo, los frutos que se rinden son todos contrarios a la violencia: amor, paz, paciencia, benignidad, bondad, fe, mansedumbre y templanza. No hay espacio en la comunidad trinitaria para la violencia. En la comunidad trinitaria prevalece la comunión simétrica del amor. Desde la perspectiva trinitaria, cualquier proceso educativo que fortalezca la dignidad humana tiene que ser libre de violencia. Ésta mengua el potencial

humano, pues la aleja de su esencia constitucional de amor. Una educación mediada por violencia, miedo, dolor o humillación desmerece la relación de dependencia entre amor y desarrollo humano. Aun cuando más niños tengan acceso a la educación, si ésta es mediada por dinámicas violentas y deshumanizantes o se experimenta en un contexto marcado por abuso, negligencia o fragilidad familiar, sus resultados serán menores al potencial dado por Dios; y consecuentemente, no contribuirá eficientemente a la reducción de las desigualdades de ingreso en América Latina.

Los primeros cinco años de vida son estructurales del potencial humano dado por Dios. En este periodo se construye la plataforma neurológica sobre la cual se sustentan los futuros aprendizajes. Esta plataforma es sensible a los efectos adversos de las hormonas del estrés (cortisol y adrenalina), que literalmente destruyen el tejido neurológico al ser sometido a niveles tóxicos de estrés. Cuando las experiencias tempranas de la niñez son marcadas por abuso, negligencia y/o se dan en un contexto de fragilidad familiar, éstas producen efectos devastadores en el desarrollo físico, emocional y social de la niñez, que se sostienen en la adultez cuando no son restaurados de manera oportuna.

En 1998, Vicent Felitti y Robert Anda llevaron a cabo un estudio de alcance nacional, en Estados Unidos de Norte América, caracterizando las “Experiencias Adversas de la Niñez” (EAN) y sus efectos en las conductas sociales de los adultos y las implicaciones para la salud de la población (Felitti, y otros, 1998). El estudio de las EAN ha permitido reconocer el efecto profundamente negativo de la violencia sobre el desarrollo físico, emocional y social

de las personas. Las EAN se definen como aquellas que se viven en los primeros dieciocho años de vida, de manera frecuente o muy frecuente, y se categorizan por: abuso físico, emocional o sexual, negligencia afectiva o económica, y fragilidad familiar (convivir en una familia donde la madre fuera maltratada y violentada; convivir con un adulto químico-dependiente, convivir con un adulto con enfermedad mental o con conducta suicida, convivir con un adulto que haya sido encarcelado o convivir con un cuidador que había abandonado el hogar). Entre los 9.508 adultos que participaron en el Estudio de EAN, 64% reportaron haber vivido por lo menos una experiencia adversa durante su niñez. Además, el 87% de los participantes que identificaron por lo menos un EAN, en realidad presentaban dos o tres (Nakazawa, 2015). El 40% de participantes reportaron por lo menos dos o tres EAN y 12,5% presentaba cuatro o más EAN. Apenas un tercio de los participantes de este estudio, no reportaron EAN (Felitti, y otros, 1998).

La relación entre las experiencias de adversidad vividas durante la niñez y el estado de salud de los adultos fueron aún más sorprendentes. Para una persona con un puntaje de cuatro EAN, la probabilidad de que ésta sufriera depresión incrementaba 460 veces, comparadas con las personas que tenían un puntaje de cero (Nakazawa, 2015). Por otro lado, personas con un puntaje de seis EAN tenían su expectativa de vida reducida en veinte años (Nakazawa, 2015). Para cada punto adicional de EAN, el riesgo de ser hospitalizado por una enfermedad autoinmune aumentaba en 20% (Nakazawa, 2015). Aun cuando la persona no tome alcohol, no fume, no tenga sobrepeso, no presente colesterol elevado, ni sufra de diabetes, tener un puntaje de siete EAN eleva la probabilidad de sufrir una enfermedad cardíaca en 360% comparado con personas

con un puntaje de cero (Nakazawa, 2015). El Estudio EAN presenta una implicación importante para la reducción de la inequidad en Latinoamérica: aun cuando los niños y jóvenes completen su educación, crezcan y logren profesionalizarse e ingresar al mercado laboral, si su comunidad educativa no logró prevenir, o reconocer y restaurar las EAN, el motor humano de la economía se verá afectado física, psicosocial y espiritualmente, con impactos adversos en el desempeño laboral de las personas y empresas y consecuentemente en el desarrollo de las economías de los estados latinoamericanos. Por otro lado, los Estados tendrán que hacer gastos aún más significativos para el tratamiento de enfermedades crónicas que pudieran haber sido prevenidas si los procesos de socialización, crianza y educación, estuvieran libre de violencia.

Las EAN producen efectos negativos en el desempeño académico de niños desde kindergarten. En un reciente estudio dirigido por Manuel E. Jiménez, se pudo investigar el efecto de las EAN en el desempeño académico de 1.007 niños que cursaban el kindergarten (Jimenez, Wade, Lin, Morroe, & Reichman, 2016). Entre los participantes del estudio, aproximadamente 50% eran afrodescendiente y 27% eran latinos. La investigación encontró que 55% de los participantes reportaron por lo menos una EAN y que 12% reportaban tres o más EAN. Los niños participantes menores de cinco años, que tenían un puntaje EAN de tres o más, presentaron menores desempeños académicos con respecto a lenguaje y matemáticas. Además mostraron peores resultados con respecto a indicadores relacionados a problemas de atención, problemas sociales y agresividad. Las brechas académicas en los primeros años educativos son profundamente refractarias a cerrarse, aun cuando el niño siga en el sistema educativo formal, pues reflejan el impacto de las EAN en la estructuración del desarrollo

físico, emocional y cognitivo del niño.

La Educación con Ternura, que contribuye a reducir las desigualdades de ingreso de Latinoamérica, requiere primero prevenir las “Experiencias Adversas de la Niñez”, desde la concepción y a lo largo de la vida. Implica la formación de adolescentes y jóvenes, futuros padres y madres, para concebir la vida de manera responsable, criar y formar a sus hijos con amor constante e incondicional. La iglesia puede ser un valioso espacio para animar la Crianza con Ternura, que antecede y acompaña la Educación con Ternura. Sin embargo, cuando las familias fallan en prevenir la violencia contra la niñez, entonces la comunidad educativa tiene que ser un espacio de restauración de las “Experiencias Adversas de la Niñez”, convirtiéndose en “un oasis de amor, en el desierto de violencia”. La comunidad educativa, requiere asumir la postura samaritana y paternal (Lucas 10:25-37 y 15:11-32):

- a) *Acoger* – ir al encuentro del niño para extender el abrazo inclusivo e incondicional.
- b) *Afirmar* – ayudar al niño a descubrirse como una persona amorosa (Identidad), amada y en capacidad de amar (vocación).
- c) *Acompañar* – formar y animar a los niños a vivir la ética cristiana.
- d) *Consolar* – sanar el dolor y fortalecer la resiliencia de la niñez.
- e) *Compadecer* – formar y practicar la justicia restaurativa y compasiva con la niñez.

Insistir en seguir la tarea académica, a pesar del dolor de la niñez sufrida, violentada, maltratada, abusada y torturada, refleja una educación de corazón duro, incapaz de sensibilizarse ante el dolor humano. La Educación con Ternura empieza

por sanar las heridas de la violencia, restaurar y fortalecer el cuerpo y el espíritu de la niñez. Implica una educación que se preocupa por la integralidad del desarrollo humano, que cuida y restaura el corazón, con tanto esmero como estimula la mente y aprendizajes académicos.

Aun cuando el sistema educativo sea duro de corazón e incapaz de comportamientos samaritanos y paternales, muchos niños que han vivido “Experiencias Adversas de la Niñez”, logran profesionalizarse y sostener un trabajo. Sin embargo, estudios revelan que los profesionales que no consiguieron sanar las heridas causadas por las EAN presentan mayores dificultades para desempeñarse laboralmente de manera exitosa, comparada con las personas que no vivieron EAN. Entre estos, otro estudio liderado por Robert Anda describe el impacto de EAN en el desempeño laboral de adultos (Anda, y otros, 2004). El estudio consistió en generar información sobre la relación entre “Experiencias Adversas de la Niñez” e indicadores de desempeño laboral de funcionarios de una empresa privada de salud, en Estados Unidos de Norte América. El Dr. Anda encontró que conforme el puntaje de EAN se incrementa, así también la prevalencia de problemas laborales, ausentismo y problemas financieros de los adultos. Estos eran dos veces más frecuentes en las personas que presentaban EAN comparadas con las que no las vivieron en su niñez. Por consiguiente, los efectos adversos de la violencia en el desarrollo neurológico de la niñez, que no se logran restaurar de manera oportuna, menguan el aporte de la educación a la promoción de la equidad de ingresos de la región, pues se convierten en brechas afectivas, académicas, sociales y financieras que no se cierran a pesar de que las personas logren concluir procesos educativos o participar en el mercado

laboral. Si la comunidad educativa falla en ser para la niñez y juventud un “oasis de amor en el desierto de la violencia”, entonces el mercado de trabajo debería asumir la postura samaritana y paternal, y generar oportunidades para que sus trabajadores logren superar su historia de EAN.

Para que el sistema de educación ejerza una mayor contribución en reducir las desigualdades económicas en Latinoamérica, la crianza, educación y trabajo requieren estar transversados por la ternura, volviéndolos cercanos y sensibles al dolor humano y convirtiéndose en un bálsamo restaurador de la plenitud humana. Librar el continente latinoamericano de la violencia, es una utopía a seguir, inspirando a cada ciudadano a militar por una Educación con Ternura, que forma el ser humano a la imagen y semejanza de nuestro Dios de amor. Sólo así la humanidad, y todo lo que de ella depende, como la economía, alcanzarán su potencial dado por Dios.

La educación que reduce la inequidad económica de Latinoamérica es la que reemplaza la violencia por la ternura. Implica restaurar la dignidad humana formando ciudadanos amorosos, amados y en capacidad para amar. La amorosidad refleja la más hermosa expresión de la imagen de Dios en la humanidad. La Educación con Ternura además de restaurar las heridas de la violencia, también habilita a sus miembros a vivir en comunión de amor. Lo que distingue la Educación con Ternura es su praxis de amor (Juan 13:35). El valor diferencial de la ternura en la educación se manifiesta, en mejores desempeños académicos, y en formar una ciudadanía saludable y resiliente que cultiva una sociedad capaz de convivir en solidaridad. En ese sentido, la Educación con Ternura es la que forma la ciudadanía para liberar los oprimidos del yugo de la injusticia y del dolor de violencia.

2. La educación que promueve la equidad económica es plena de ternura.

James Heckman, Premio Nobel de Economía del 2000, propone que la educación que libera a los oprimidos de las injusticias económicas, se distingue por cuatro elementos (Heckman, 2008). Primero, es una educación que inicia desde el principio de la vida, por consiguiente la educación comienza en casa desde las dinámicas de Crianza con Ternura y se sostiene a lo largo de la vida en espacios académicos, sociales, culturales y recreativos. Segundo, es una educación que no se limita al desarrollo de capacidades cognitivas, sino que también forma el carácter de los seres humanos. Tercero, es la educación que habilita a padres, cuidadores y educadores, a “generar capacidad para generar capacidad” cognitiva y de carácter. En ese sentido, la educación es el fruto de una comunidad amorosa y comprometida con el florecer pleno de la niñez, y no sólo lo que sucede en el salón de la escuela. Cuarto, es una educación que requiere una inversión familiar y estatal en el desarrollo pleno de las personas, empezando desde la concepción y manteniéndose a lo largo de la vida. Implica un Estado comprometido a invertir en la educación, y también en fortalecer las capacidades económicas de las familias para que éstas a su vez inviertan en el desarrollo integral de sus hijos.

La Educación ha sido un camino histórico para enfrentar la pobreza y la desigualdad. En 1960, en la “*Guerra Contra la Pobreza*”, en Estados Unidos de Norte

América, se reunieron psicólogos y educadores con el objetivo de reducir las brechas educativas entre los diferentes estratos socioeconómicos (ESE). Entre diferentes estrategias educativas, se propuso la estimulación temprana del desarrollo de lenguaje de niños a partir los tres años. Los resultados inmediatos fueron muy alentadores. Sin embargo, cuando se evaluó el desempeño lingüístico de los niños, un año después de la intervención de estimulación de lenguaje, los investigadores encontraron que los avances obtenidos durante el pre-escolar no se sostenían en el tiempo. Para desvendar este misterio, un equipo de investigadores liderados por Betty Hart y Todd Rising, estudiaron 42 familias de diferentes estratos socio-económicos (ESE), con niños entre 10 y 36 meses. Entre los primeros hallazgos, encontraron que la mayoría de los aprendizajes de los infantes, se generaron al interior de la familia y que el desarrollo de lenguaje de los hijos reflejaba el de los padres. Infantes y padres estudiados se asemejaban con respecto a los recursos de vocabulario y al estilo comunicacional y de interacción. Independiente del rango de vocabulario, 86 – 98% de las palabras que los infantes expresaban eran parte del vocabulario de sus padres. Otro hallazgo importante es que a los tres años de edad, las tendencias de desarrollo lingüístico de los niños estaban muy bien consolidadas, y mostraban brechas importantes según el ESE. Este hallazgo generó una explicación del porqué los resultados de intervenciones lingüísticas que se inician a los tres años, no se sostienen al largo del tiempo.

Las desigualdades de desarrollo de lenguaje que se instalan temprano en la primera infancia son profundamente refractarias a las intervenciones correctivas, aun cuando el niño culmine su proyecto educativo. Los niños de padres de ESE alto

acumularon una experiencia lingüística de 45 millones de palabras en los primeros cuatro años de vida, mientras que los niños de padres de ESE medio acumularon una experiencia lingüística de 26 millones de palabras, en tanto los niños de padres de ESE bajo, desarrollan una experiencia lingüística de trece millones de palabras. Treinta y dos millones de palabras representan el tamaño de la brecha lingüística entre los niños de ESE alto comparados con los niños de bajo ESE. Infelizmente, esta brecha de 32 millones de palabras, no se cierra a lo largo de la experiencia educativa y predice el desempeño académico de los niños al tercer grado escolar. Estos primeros resultados revelan que la Educación con Ternura, además de restauradora, requiere ejercer una voz profética que denuncie el impacto de las desigualdades socioeconómicas en el desarrollo integral de la niñez latinoamericana.

Además de la brecha cuantitativa referente al número de palabras, los investigadores Betty Hart y Todd R. Risley encontraron brechas cualitativas importantes en el contenido y experiencia comunicacional entre los diferentes ESE. Infantes de ESE altos acumulaban en una hora, un promedio de 32 expresiones de afirmación o incentivo y cinco prohibiciones. Eso representa seis expresiones de ánimo, que afirmaban el potencial de los niños, para cada expresión de desincentivo. Para las familias de ESE medio, esa tasa era de doce expresiones de afirmación y siete de desincentivo, representado una tasa de dos afirmaciones para cada desincentivo. Mientras que las interacciones dialógicas entre padres e hijos de ESE bajos acumulaban en una hora, un promedio de cinco afirmaciones y once desincentivos, que representa una tasa de dos desincentivos para cada afirmación. Extrapolando estas tasas a los primeros cuatro años de vida, los niños de ESE alto

acumulaban 560.000 más experiencias de retroalimentación positiva que negativa. Los niños ESE medio, acumulaban un superávit de 100.000 afirmaciones. Sin embargo, los niños de ESE bajos, donde las expresiones de prohibición superan las de afirmación, tuvieron un superávit de 125.000 prohibiciones. El diálogo colmado por dinámicas autoritarias y prohibitivas, no invita a la participación simétrica ni recíproca entre el adulto y el niño. Consecuentemente, el niño tiende a callarse ante la autoridad y no exponer sus pensamientos, ni aprender a construir consensos. Por otro lado, el diálogo colmado de ternura, o sea aquel que se construye en confianza, simetría, reciprocidad, afectividad y empatía, anima el uso de lenguaje, la construcción de consensos, la revisión crítica de las conductas y la solidaridad. En ese sentido, la postura de ternura, hace que el adulto siempre vaya al encuentro del niño con el intento de animar, dignificar y afirmar, convirtiendo la experiencia educativa y socializadora en una vivencia dignificante de la niñez.

Aunque no es posible generalizar los resultados del “Estudio de la Brecha de 30 Millones de Palabras” a la población general, éste trae a la luz la importancia de las experiencias de vida en el desarrollo de lenguaje y posterior desarrollo académico de la niñez y juventud. Para el buen desempeño académico, tan importante es el número y diversidad de palabras que el niño escucha y emite, como la calidez de la interacción interpersonal que sucede entre el adulto y el niño. Cerrar la brecha de desarrollo lingüístico, no resulta con sólo poner al niño delante del televisor para escuchar millones de palabras. El desarrollo de lenguaje requiere que el adulto invite al niño a un constante diálogo simétrico y recíproco, experimentado en un espacio de confianza y amor, donde el adulto anima al niño a revisar crítica y

propositivamente sus sentimientos, actitudes, conductas, decisiones y así aprender a vivir de manera ética y responsable.

El desarrollo de lenguaje, a través de diálogos y experiencias dignificantes, representa apenas una de las múltiples condiciones para el buen desempeño académico. Éste, al igual que todas las

dimensiones del desarrollo humano, es dependiente de la calidad de la red de relaciones que los adultos sostienen con los niños. El Consejo Científico Nacional para el Desarrollo de la Niñez (CCNDI) de la Universidad de Harvard, ha logrado caracterizar las relaciones que contribuyen al desarrollo académico, humano y social de la niñez (NSCDC, 2009):

- *Recíprocas* – dar y recibir mutuos entre los adultos y la niñez. Implica que el padre o educador están atentos a responder a los intentos de interacción que los niños procuran.
- *Simétricas* – balance de poder entre los adultos y la niñez. El juego y el diálogo horizontal son potentes mecanismos que subvertían dinámicas relacionales asimétricas y autoritarias.
- *Basadas en la confianza* – vínculo emocional que provee seguridad y estabilidad. El niño tiene la seguridad que cualquier interacción con su padre o educador será siempre dignificante.
- *Empáticas* – desde la condición afectiva en la cual se encuentra el niño.
- *Cariñosas* – colmadas de expresiones de afecto entre padres e hijos y educando y educadores.

La Educación con Ternura, tiene como condicionante la capacidad de educar para cultivar relaciones con las características arribas descritas. Cuando los niños son educados en un contexto relacional de ternura, ellos se desempeñan bien en todos los niveles educativos (pre-escolar, primaria, secundaria y terciaria), y aún más importante: aman aprender, esto los estimula a que busquen aprender no sólo en la el ámbito académico, pero también en espacios culturales, recreativos, deportivos, entre muchos otros (NSCDC, 2009). Adicionalmente, los adultos criados, formados y educados en relaciones de ternura, tienden a sostener relaciones saludables al interno de sus familias (menores tasas de divorcios) y también en los espacios laborales, que implica en la capacidad de sostener el trabajo y así contribuir a la reducción de las desigualdades de ingreso de la región (NSCDC, 2009).

Una invitación

La iglesia es un importante actor para incidir social y políticamente para que la Educación con Ternura sea un derecho de todo niño latinoamericano. Es importante iniciar la incidencia entre las familias que forman la comunidad eclesial, yendo a su encuentro y animándolas a que sean un espacio libre de violencia y pleno de amor. Recientemente, la Fundación Paz y Esperanza Ecuador, realizó un importante estudio sobre la violencia de género entre familias evangélicas: “*Dentro de las cuatros paredes – evangélicos y violencia doméstica*”. En Guayaquil, Ecuador, se encontró que la prevalencia de violencia doméstica, entre las familias evangélicas, es igual que en la población general (Fundación Paz y Esperanza, 2014).

Es difícil ser sal y luz para el mundo, si el amor no es lo que distingue a las familias cristianas. Por consiguiente, la iglesia empieza siendo agente de ternura para las familias de su comunidad de fe, que sufren de violencia. Luego, la iglesia como parte de la comunidad educativa, puede ser un “oasis de amor, en el desierto de la violencia”.

A la medida que la comunidad de fe sea un ejemplo concreto de la vivencia de la ternura, ella podrá ser un referente para la restauración de las sociedades, heridas por la violencia y oprimidas por la injusticia. Cuando la iglesia es referente y agente de ternura, entonces su voz profética cobra legitimidad para denunciar las injusticias y afirmar la Educación con Ternura como un camino que lleva a mayor fraternidad y justicia social y económica.

La justicia económica no se limita a políticas públicas que distribuyen de manera más equitativa los recursos económicos de un país. Como bien expresa el Apóstol Pablo:

“Si reparto entre los pobres todo lo que poseo, y si entrego mi cuerpo para que lo consuman las llamas, pero no tengo amor, nada gano con eso”.

NV I Corintios 13:3.

El amor es el fundamento de la justicia compasiva y restaurativa. La Educación con Ternura aporta a la justicia económica en la medida que se acerca, con actitud samaritana y paternal, a la niñez herida por la violencia, y se compromete con su restauración y con formarla con amor y de manera integral.

Bibliografía:

Anda, R., Fleisher, V., Felitti, V., Whitfield, C., Dube, S., & Williamson, D. (2004). Childhood abuse, household dysfunction, and indicators of impaired adult work performance. *The permanent journal*, 30-38.

Caetano, G., & Armas, G. (2015, Marzo 30). El País. Retrieved from *Pobreza y Desigualdad en América Latina (1980-*

2014): <http://blogs.elpais.com/contrapuntos/2015/03/pobreza-y-desigualdad-en-america-latina-1980-2014.html>

CEPAL. (2015). *Desigualdad, concentración y distribución sobre las altas tasas rentas en América Latina*. Santiago de Chile: Naciones Unidas.

Felitti, V., Anda, R., Nordenberg, D., Williamson, D., Spitz, A., Edwards, V., . . . Marks, J. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many leading causes of death in adults: the adverse childhood experiences (ACE Study). *American Journal of Preventive Medicine*, 14:245-258.

Fundación Paz y Esperanza. (2014, Agosto). *Paz y Esperanza*. Retrieved from *Dentro de cuatro paredes - evangélicos y violencia doméstica en Guayaquil - Ecuador*:

<http://institutopaz.net/recursos/resumen-ejecutivo-dentro-de-las-cuatro-paredes-ecuador>

Heckman, J. (2008, mayo). *Schools, Skills and Synapses*. Retrieved from Heckman-Heckman: <http://heckmanequation.org/content/resource/schools-skills-synapses>

Jimenez, M., Wade, R., Lin, Y., Morroe, J., & Reichman, N. (2016). *Adverse Experiences in Early Childhood and Kindergarten Outcomes*. *Pediatrics*.

Nakazawa, D. J. (2015). *Childhood disrupts: how your biography becomes your biology, and how you can heal*. New York: Atria Books.

NSCDC. (2009, Octubre). *Young Children Develop in an environment of Relationships*. Retrieved from National Scientific Council on the Developing Child: <http://developingchild.harvard.edu/wp-content/uploads/2004/04/Young-Children-Develop-in-an-Environment-of-Relationships.pdf>



Campamentos, ensayo para la vida.




por Tec. Verónica Vertozzi
(Técnica en tiempo libre y recreación)
Iglesia E. Valdense del Río de la Plata
Colonia Valdense, Uruguay

"El campamento es una experiencia recreativa al aire libre, que proporciona oportunidades especiales para la educación y el ajuste social a través de la vida en grupos."

Betty Lile

Tuve la suerte de participar de campamentos desde niña, tanto en el club, como en la Iglesia Evangélica Valdense del Río de la Plata, a la cual pertenezco. Algo que era parte fundamental de mis vacaciones y que recuerdo con mucho cariño. Cuando llegué a la adolescencia, pasé al otro lado, al de los líderes, al del grupo organizador y encontré en este trabajo voluntario mi pasión, que luego con los años y estudios mediante, sería mi trabajo, mi forma de ver y transitar la vida.


Entonces comencemos por contar que es un campamento. Es una herramienta pedagógica y como tal, es generadora de cambios y actitudes, como así también modificadora de conductas. Nos presenta la oportunidad de reforzar nuestro compromiso con el medio ambiente, entendido en un sentido amplio como el lugar que habitamos natural, social y culturalmente. Disfrutando



la Naturaleza, aprendiendo de ella y aprendiendo como ser mayordomos de la creación de Dios.

Al formar parte de la educación no formal, el campamento nos da mucha más libertad de acción, de participación activa. No son contenidos lo que enseñamos, son valores que transmitimos. A través de sus distintas actividades, abre espacios que desarrollan la vida en grupo; fomenta la cooperación, la solidaridad y el respeto por el otro, los vínculos sanos, la aceptación.

Nos brinda un espacio transformador de la realidad,



donde uno se des-etiqueta, se redescubre: ¿Quién soy?, ¿Qué quiero?, ¿Qué tengo para dar? Suele pasar que el niño tímido es el que se apropia del fogón y resulta ser el actor principal, o quien es el más apático, pasa a ser el más solidario y servicial del grupo.

Y también liberador, porque sucede a través del juego, que es generador de oportunidades de cambio.

Un juego donde yo soy protagonista, donde juego con otros, en donde trabajo en equipo, me supero,

aprendo a manejar mi frustración. Donde puedo ganar pero también puedo y está habilitado perder y equivocarse, crear y resolver problemas complejos que luego servirán para hacer frente a tareas desafiantes de la vida. Es liberador porque yo elijo estar; donde las reglas y los límites, están puestas con cuidado y amor y respetadas porque son consensuadas por todo el grupo. Donde se desarrolla un espíritu democrático, opinando y aceptando la opinión de los demás, tomando decisiones colectivas, ejerciendo ciudadanía.

"Veo y me olvido, oigo y recuerdo, hago y comprendo".

Susana Gamboa

En el campamento lo aprendido es lo vivido, lo que me pasa por el cuerpo, lo que comprendo y puedo sentir, transmitir, multiplicar en el campamento y fuera de él. Es transmisor de valores, un ensayo para la vida, en donde aprendemos a hacer y ser comunidad.


Un lugar donde se da la posibilidad de convivir con muchas personas, con gustos, pensamientos y sentires diferentes a los míos.

Donde comparto juegos, canciones, comidas y también responsabilidades en las tareas comunitarias: poner y levantar la mesa, servir la comida, hacer el fuego.

Mediante juegos, fogones y actividades estético-expresivas desarrollamos la imaginación y la creatividad, divirtiéndonos y recreándonos, apropiándonos de la participación y el espacio, creciendo y fomentando la autonomía y favoreciendo el fortalecimiento de nuestra identidad.

Desde el comienzo de la década del '30 los jóvenes de la Iglesia Evangélica Valdense del Río de la Plata comenzaron a realizar campamentos. La convivencia con la naturaleza; el estudio de la Biblia en oración y

Los campamentos en la iglesia Valdense.



reflexión; la recreación y el canto comunitario fueron valorados como herramientas importantísimas de afirmación de la fe y la identidad, de evangelización y de educación.

Han pasado varios años ya, y seguimos con la misma pasión: la tarea, la Misión. Por mi parte, continúo formando parte del grupo de líderes de los campamentos de la iglesia.

Lo que antes eran herramientas, pasaron a ser nuestros objetivos de los campamentos:

- *Evangelizar.*
- *Cuidar y celebrar la vida comunitaria y la creación de Dios.*
- *Educar en solidaridad, responsabilidad y libertad.*

Desde hace varios años, sentimos la importancia de capacitarnos en Educación Cristiana. Algo importantísimo, que en los campamentos, solo aquellos que eran pastores o maestras/maestros de escuela dominical estaban capacitados para dar. No solo ellos, pero el resto de nosotros, ante su presencia en el campamento, cedíamos el lugar. Y no era algo que no nos pareciera importante, al contrario, era tan importante que la tarea nos resultaba difícil de realizar.

Porque si me permiten, la Educación Cristiana, como la entiendo, no es abrir la Biblia y simplemente leer. Es la responsabilidad de transmitir la Palabra. Y para eso hay que saber.

Sería irresponsable y poco profesional de mi parte, decir que les puedo dar una receta de como ofrecer Educación Cristiana. Pero puedo compartirles, a modo de ejemplo, algunas de las actividades que preparamos para la temporada de campamentos del año 2015. Nuestros campamentos duran entre cinco y seis días. Cada día hay un momento dedicado a tratar el tema bíblico.

En el Parque XVII de Febrero, Centro de Campamentos de la Iglesia Evangélica Valdense del Río de la Plata (ubicado en el Departamento de Colonia, Uruguay) tenemos talleres a lo largo del año, para la preparación de los campamentos del verano siguiente. Así de importantes los creemos, porque *el juego también es algo serio.*

En estos talleres nos capacitamos los jóvenes que recién comienzan y los que ya tenemos algún que otro campamento encima.

La preparación consiste en formar líderes que puedan planificar actividades campamentiles adecuadas a las edades y necesidades de los acampantes, llevarlas a cabo y evaluarlas.

Son organizados por un grupo de talleristas que forman parte del plantel de líderes, quienes trabajan previamente junto a la Directora del Parque en la preparación de los mismos.

Pero el 80 % de los talleres están abocados al estudio y tratamiento de temas bíblicos.

Para ello, todos los años la Dirección del Parque invita a teólogos y personas idóneas en la materia, para que nos capaciten. En estos encuentros, que duran un fin de semana, leemos, discutimos, tratamos, volvemos a leer y preparamos el tema bíblico que trabajaremos en los campamentos. Así también, vemos la adaptación y como transmitirlo a los diferentes grupos etarios, ya que los campamentos están destinados a niños de 4 a 12 años , adolescentes de 13 a 18 años, jóvenes y adultos de hasta 80 años, estos últimos en los *campamentos de familia.*

Tema Bíblico que trabajamos:

Lucas 15: 11 – 32.

Parábola del padre amoroso.

Adolescentes

Dinámicas

Niños

Realizamos una especie de película muda, en dos partes, con fotosecuencias donde los líderes del campamento aparecían caracterizados como los personajes del pasaje bíblico. Fue proyectada en dos días, narrando diferentes partes de la parábola.

La primera secuencia, hasta donde el hijo menor se va con su mitad de la herencia.

La segunda secuencia, hasta el momento del regreso del hijo menor, luego de haber gastado su dinero.

Durante el tercer momento de abordaje del pasaje bíblico, se implementó la técnica teatral participativa de Alejandro Boal “Teatro del oprimido” para ver el punto de vista de los niños sobre cómo podía terminar la historia.

Luego se trabajó nuevamente el texto entero, haciendo un paralelismo del amor del padre y el amor de Dios.

Teatro del oprimido

Es una técnica usada que define el tipo de interacción actor-audiencia. Es la técnica en la cual a mitad del trabajo teatral se detienen los actores en el escenario, para preguntarle a la gente de la audiencia una solución para su situación o problema. La audiencia da su punto de vista y sus posibles soluciones. Este método reúne las ideas de las personas para llegar a la mejor solución, esto promueve el diálogo consistentemente, y derrumba las barreras que dividen al actor de la audiencia. La audiencia tiene la capacidad para dirigir el curso de la obra, y aún más importante, le otorga un sentido de poder a la audiencia.

Trabajamos sobre las nociones del amor, la autoestima y la aceptación.

La siguiente actividad, es para realizar ya entrado el campamento, siendo necesario que el grupo esté formado, con buenos vínculos y bien establecidos.

En la explicación, se resaltó la importancia del cuidado y el respeto al compañero, ya que es una actividad que despierta cierta sensibilidad. Nunca hay que generar situaciones que después no podamos contener.

A cada participante se le entregó una hoja de su tamaño y un marcador, y con la ayuda de un compañero, dibujaron el contorno de su silueta. Una vez que todos tenían su silueta dibujada, colocaron su nombre arriba de la misma.

Se les dio un tiempo para que pensarán quienes eran, cuales eran las cosas que los hacían *ser ellos*, las cosas buenas y las no tan buenas. Se les pidió que no tuvieran miedo ni vergüenza, porque nadie iba a juzgarlos. Terminado ese tiempo, se les pidió que anotaran todas esas cosas dentro de la figura.

Una vez terminado, la siguiente consigna fue escribir fuera de la silueta del resto de los compañeros una o más cualidades que veíamos de esa persona, no importaba si alguien había puesto lo mismo.

Por último, se les pidió que volvieran donde estaba su silueta, para ver como sus compañeros los veían.

Para cerrar el tema se realizó un plenario con las siguientes preguntas:

¿Fue difícil contar quién soy?

¿Y ver las cualidades del compañero?

*¿Qué sentí cuando leí lo que otros
veían en mí?*

¿Qué fue lo que más me sorprendió?

¿Cómo me siento ahora?

Como conclusión, se realizó entre todos un cartel con la inscripción:

El amor nos hace personas,

que luego se colgó en el centro del salón de actividades donde se desarrollaban los plenarios del campamento.

Con la esperanza de poder haber aportado mi granito de arena y hasta que volvamos a encontrarnos.... ¡Qué Dios nos tenga en la palma de su mano!

Jóvenes

Como preámbulo, trabajamos divididos en grupos, con la dinámica lluvia de ideas, sobre la consigna: **¿Qué es el amor?**

Luego trabajamos con el texto "Las tres dimensiones del amor" de René Castellanos.¹

Luego de leer el texto de lo trabajamos en cuatro etapas:

1. Etapa de contextualización.

El contexto histórico del pasaje bíblico.

2. Etapa de análisis del pasaje.

3. Etapa de afirmación del concepto.

4. Propuesta de actualización.

Reinterpretar en clave actual lo que nos sugiere el pasaje.

Luego se organiza un plenario donde cada grupo comparte lo producido y se propicia el debate y el comentario fraterno.

1 - El texto "Las tres dimensiones del amor" de René Castellanos, está disponible en la página web de aipral: <http://www.aipral.org>



**A
I
P
R
A
L**
Alianza de
Iglesias
Presbiterianas y
Reformadas de
América
Latina

José Pedro Varela 1729

75100, Dolores, Uruguay.

Tel. (+598) 45342174

www.aipral.org

Presidente: Gabriela Mulder

gabymulder@hotmail.com
educacion@ierp.org.ar

Secretario Ejecutivo: Darío Barolin

secretaria@aipral.org
dariobarolin@yahoo.com.ar

Comunicaciones: Josué Charbonnier

comunicaciones@aipral.org

La Voz

órgano informativo de AIPRAL

ISSN 1667-4685 Año XXIII N°63

Diseñado por Comunicaciones Aipral
con software libre: Scribus y GIMP

Impreso en Graficarte SRL,
Rivadavia 1919, Montevideo, Uruguay

Tirada 1000 ejemplares

Mayo de 2016



*Ayúdanos a sostener la armonía de tu creación
Ajuda-nos a sustentar a harmonia da tua criação*

*XII Asamblea General de AIPRAL
XII Assembleia Geral de AIPRAL*

São Paulo, Brasil . 8-14 agosto 2016

